

O ENSINO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: MEDIÇÃO, SENTIDOS E REFLEXÕES

Marinaide Lima de Queiroz Freitas¹

Adriana Cavalcanti dos Santos²

Palavras introdutórias

O contexto da prática de leitura que analisaremos neste artigo consistiu-se na abordagem do poema: “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade, em sala de aula de pós-alfabetização, de uma escola municipal situada em Maceió. A referida aula faz parte do banco de dados do Observatório Alagoano de Leitura na Educação de Jovens e Adultos (EJA), cujo projeto denominou-se: A leitura e a formação de leitores no Estado de Alagoas: estudo e intervenção de alfabetização em educação de jovens e adultos (2011/2014)³.

A pesquisa acima referida organizou-se em três momentos. No primeiro, diagnóstico das aulas de leitura. No segundo, vivenciamos sessões de reflexão sobre a prática de leitura observada, seguida de sessões de estudo sobre temáticas oriundas das necessidades linguísticas surgidas, e, por fim, no terceiro o retorno às observações.

Dentre as aulas observadas, escolhemos a do poema em foco, com a curiosidade para compreendermos de que forma a professora encaminhou o *contextum* da aula de leitura, a partir da escolha de um texto literário, assim problematizamos: quais sentidos foram produzidos pelos alunos na leitura do poema por meio da mediação pedagógica da professora? Este artigo é tecido a partir dos diálogos sobre, *a priori*, a leitura do texto literário na EJA, e, *a posteriori*, sobre as interações e a construção dos sentidos no contexto da leitura do poema Quadrilha.

Da escolha do texto à mediação pedagógica

A mediação de uma prática de leitura que “não se limita ao ato de apresentar o texto ao aluno e lhe informar que a leitura é importante” (BARBOSA, 2013, p. 237). Mas, dá-se por meio da interação dialógica entre os sujeitos (professor e estudantes) no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, concordamos com Vygotsky (1995) ao mostrar que o processo de aprendizagem, por sua natureza complexa, resulta na/da interação dos sujeitos, por meio do diálogo estabelecido na relação entre eu e o outro nos processos discursivos historicamente situados.

Nas práticas de leitura escolares “pensar o professor como mediador da relação do estudante com o texto, e através deste com o(s) seu(s) autores, é já afirmar um ponto de vista sobre a aprendizagem: ninguém aprende a ler sem debruçar-se sobre textos” (GERALDI, 2010, p. 25).

A Professora Dácia⁴ escolheu mediar a leitura do poema:

QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

¹ Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: naide12@hotmail.com.

² Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: adricavalcanty@hotmail.com.

³ Pesquisa longitudinal que originou o Observatório Alagoano de Leitura, vinculado ao Programa Observatório da Educação, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), edital nº 38 de 2010.

⁴ Nome fictício.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.
Carlos Drummond de Andrade

A escolha do referido poema, segundo a nossa interlocutora, foi motivada pelo propósito de se os seus alunos “[...] conseguiriam ler. Tinha nomes que eram familiares: nome próprio, que eu vinha trabalhando” (FALA DA PROFESSORA NA SESSÃO REFLEXIVA). A professora tinha a preocupação em avaliar o nível de leitura dos alunos, como também a possibilidade de retomada do trabalho com o componente curricular “nomes próprios” e para ela o referido poema deveria possibilitar a interação autor-texto-leitor-mundo⁵a partir da atribuição de sentidos a serialização dos desencontros amorosos, no referido poema.

O reconhecimento dos diferentes níveis de leitura de um texto pelos alunos não implicou em propor atividades que atendessem à especificidade dos sujeitos da EJA, como socializou a professora Dácia: “Eu vou ser sincera, não consigo trabalhar com duas atividades ao mesmo tempo. Se eu der uma atividade determinada: leitura do poema, eu poderia pedir para elas escreverem qualquer coisa relacionada ao poema e outros fizessem apenas a leitura”. Expõem-se, assim, os limites do saber/ fazer e ser professor de leitura na EJA, que podem ser, ou não, (res)significados em contextos de formação continuada nos *loci* das escolas (SANTOS, 2014).

Enquanto espaço de criação de novas relações entre teoria-prática (IBIAPINA, 2008), dialogamos com a professora Dácia sobre a relevância do planejamento da aula proposta:

Penso [durante o planejamento] nos procedimentos que alguns [autores] falaram: a questão da leitura de mundo. Depois, a leitura para trabalhar o estudo do poema, a questão mais do conhecimento [...] Eles [alunos] vêm para escola e fazem aquela relação do conhecimento científico. Quando eu faço essa escolha dos textos, na verdade, estou pensando o que cabe mais para eles. Eles ainda estão no nível inicial de leitura, eu tenho procurado os textos mais fáceis. Talvez de Carlos Drummond não tenha sido tão fácil porque tem a palavra ‘Quadrilha’. [...] (FALA DA PROFESSORA NA SESSÃO REFLEXIVA)

A interlocutora demonstrou que, mesmo que tenhamos dialogado sobre as concepções de língua e de linguagem, de texto e de sentidos (GERALDI, 2003; KOCH, 2006), seus objetivos são mediados pelo nível de leitura dos seus alunos, ou seja, pelo que ela conseguia perceber em sua prática. A seleção dos gêneros para a leitura também são definidos pelo seu julgamento do que é um texto fácil ou difícil de ser lido.

O diálogo sobre a natureza e a complexidade de uma determinada prática de leitura, embasada numa ou noutra concepção de língua e de linguagem, precisa se dar de forma contínua, por meio de um processo de reflexividade sobre a prática. No depoimento da professora há o reconhecimento dos conhecimentos de mundo dos alunos; a inserção da prática de leitura compartilhada; e a despreocupação com a exploração dos aspectos estruturais do texto.

Das interações à construção dos sentidos mediados pela professora

Se a cada leitura, “O que já foi lido muda de sentido, torna-se outro. É uma forma de troca” (GOULEMOT, 2009, p. 116), na tentativa de possibilitar a interação autor-texto-leitor-

⁵ A palavra “mundo” metaforicamente está sendo entendida, por nós, como a representação dos saberes socio-históricos construídos na condição em que se existe (SANTOS, 2014).

mundo, a professora, didaticamente, fez a retomada da aula do dia anterior, com o propósito de continuar o trabalho com o poema e de possibilitar que os alunos atribuíssem novos sentidos ao texto. No momento inicial da leitura, a professora Dácia, comunica aos alunos que vai iniciar a aula de leitura:

Fragmento 1

PROFESSORA DÁCIA - Olhem só, ontem a gente trabalhou um texto. [...]

ALUNO 1 - Do papagaio.

PROFESSORA DÁCIA - [...] Também trabalhamos o do papagaio. Então, nós vamos retomar hoje outro texto. Qual o nome do outro texto?

ALUNO 2 - Foi do São João.

ALUNO 2 - Foi o da Lili?

ALUNO 1 - Mas, tinha alguma coisa a ver com o São João.

ALUNO 2 - Tinha a ver com quadrilha.

PROFESSORA DÁCIA - Primeiro, eu disse o título do texto: Quadrilha. Eu perguntei o que significava QUADRILHA. E alguns disseram “bandido” e outros disseram “São João”, “é uma dança”. É verdade, essa palavra tem esses dois significados. Tanto pode significar quadrilha/bandido, como pode significar quadrilha, uma dança típica junina. [...]

A continuidade do diálogo sobre o poema, como demonstrou o fragmento, inicia-se com a retomada do assunto abordado no texto. No entanto, por desconhecer as intenções do autor, as hipóteses se constroem, na ocasião do levantamento dos conhecimentos prévios, a partir do que os alunos e a professora pensam sobre o gênero, com base em suas experiências cotidianas, distanciando-se da compreensão da intenção do autor, no entanto construindo outros sentidos.

O sentido da palavra “quadrilha”, embora tenha sido comentado pela professora, não foi suficiente para a retomada do texto com o intuito de mostrar para os alunos que a quadrilha é uma dança de pares que se defrontam e executam movimentos contrários estando enfileirados em oposição ao outro. Assim, um sentido claro atribuído à palavra “quadrilha” poderia ter dado pistas para uma melhor compreensão do poema pelos alunos.

No fragmento 2, a professora Dácia tenta por meio da mediação levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o título do poema:

Fragmento 2

PROFESSORA DÁCIA - No caso, [...] tem a quadrilha que eu falei, bandidagem. Mas, o outro significado de quadrilha, festa junina, na dança quadrilha. Como é a dança da quadrilha?

ALUNO 3 - Grupo.

PROFESSORA DÁCIA - O que os grupos faziam?

ALUNO 3 - Ensaíam.

ALUNO 4 - Dançam forró.

PROFESSORA DÁCIA - Como eles dançam?

ALUNO 7 - Em roda.

PROFESSORA DÁCIA - O que mais?

ALUNO 8 - Em filas.

ALUNO 7 - De vestido.

PROFESSORA DÁCIA - Quem são as pessoas que dançam na quadrilha?

ALUNO 1 - Homens e mulheres.

[...]

A discussão sobre o título do texto não avançou. E foram poucos os alunos que participaram e que atribuíram sentidos à atividade. Sobre a interação no momento da leitura a professora faz a reflexão: “Talvez, não esteja trabalhando a curiosidade para leitura. Eu faço o lance somente do título. Vou questionando o que eles acham que tem no texto. [...] Aquela curiosidade, realmente, eu não tenho feito”.

Como os alunos não conseguem estabelecer a relação entre o título e o texto, o diálogo continuou:

Fragmento 3

PROFESSORA DÁCIA - Eu quero saber se o título “O papagaio Congelado” tinha a ver com a história?

ALUNO 1- Tinha.

PROFESSORA DÁCIA - [...] Se Drummond escolheu o título e se ele tem a ver com o texto.

ALUNO 1 - Eu acredito que tem, porque tem o casamento matuto.

ALUNO 8 - O texto também tem casais.

PROFESSORA DÁCIA- O que aconteceu com esses casais?

ALUNO 3 - Se separaram. Alguns não deram certos, um queria um, outro queria outro.

ALUNO 3 - O nome já está dizendo, não é?

PROFESSORA DÁCIA - Tem a ver um pouco com a dança da quadrilha. Quem escreve poema tem sua forma de pensar, e nós temos a nossa. Para Drummond, o tema quadrilha tinha a ver com o poema porque existiu a troca de casais.

[...]

A professora tentou por meio da mediação pedagógica estabelecer a relação título-texto. Para ela, essa relação estaria justamente no fato de que na quadrilha existe a possibilidade de troca de casais. No fragmento 3, é possível perceber que “compreender é, essencialmente, uma atividade de relacionar conhecimentos, experiências e ações, movimento interativo e negociado (MARCUSCHI, 2008, p. 250).

Dado o exposto, inicia-se o segundo momento da leitura do texto escrito – leitura do poema, neste contexto, a professora fixa o cartaz com o poema escrito no quadro-negro. Dando continuidade, a professora faz a oralização do poema com os alunos, ajudando-os na decodificação. A metodologia utilizada pela professora reforça a constatação de que os alunos não têm contato com o texto antes da oralização. Esse fato, de certa forma, interfere na prática de leitura.

Ao concluírem a leitura/decodificação do poema, a Professora Dácia reinicia o momento do diálogo sobre o texto seguido de uma proposta de atividade – montagem do texto, como podemos observar no extrato:

Fragmento 5

PROFESSORA DÁCIA - [...] E hoje nós daremos continuidade ao trabalho com o poema. [...] Eu trouxe o texto para vocês organizá-lo na sequência. Só que vocês não vão olhar para o poema. Aliás, qual é o verso que vem primeiro? Qual verso que vem depois? [...] Nós vimos que nesse texto [...] houve desencontros amorosos, cada um tomou um rumo diferente. [...] Nós poderíamos ver agora o que poderia ter acontecido com essas pessoas

diferentes. Tipo, o João foi para onde? Foi para os Estados Unidos. Por que será que ele foi para os Estados Unidos? Ele amava quem?

Fica demonstrado que houve descontinuidade na proposta, uma vez que a professora Dácia informou aos alunos que ordenariam o poema a partir da distribuição dos versos desordenados. No entanto, deixa essa proposta de lado e propõe a produção oral de outros destinos para os personagens dos poemas.

Na sequência da aula, a professora encaminha a atividade: “Vou entregar, mas vocês não vão olhar o texto. Eu vou tirar o texto do quadro e vocês vão tentar montar na ordem que o texto aconteceu” (PROFESSORA DÁCIA). Como podemos constatar, a proposta da professora está estritamente relacionada à exercitação da habilidade leitora de decodificação e de retomada das lembranças sobre a sequência do referido poema.

(In)conclusões colaborativas

Na aula analisada, o outro está do outro lado do rio, aquela (professora) que tem saberes docentes, concepções de linguagem, de texto e de sujeito, e de ensino da leitura, que muitas vezes se distanciam do nosso olhar sobre as possibilidades de diálogo com e a partir de um texto literário, ou não, na escola.

Os diálogos produzidos durante a aula analisada, motivados pela mediação da professora, demonstraram que os alunos por meio de pistas linguísticas e de seus conhecimentos prévios foram atribuindo sentidos ao texto “Quadrilha” sobre: contextos de separação entre casais, memórias dos trajes típicos de uma quadrilha, coreografia da dança e, também, pelo sentido polissêmico da palavra quadrilha. Assim, na mediação de uma prática de leitura, o dialogismo possibilita a construção de sentidos do e/ou a partir do texto.

O estudo mostrou que a prática de leitura instância-se não somente como espaço de mediação pedagógica e produção de sentidos sobre o texto, mas como momento privilegiado de diálogo e reconstrução de saberes docentes. Uma vez que a ação do professor mediador é imprescindível na/para a formação do leitor do mundo e da palavra e, conseqüentemente, institui-se como espaço formativo e de formação de/para quem media.

Referências

BARBOSA, J.; BARBOSA, M. **Leitura e mediação**: reflexões sobre a formação do professor. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

GERALDI, J. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GERALDI, J. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GOULEMOT, J. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de leitura**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

IBIAPINA, I. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimento. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

MARCUSCHI, L. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

SANTOS, A. **O ensino da leitura na educação de jovens e adultos**: o movimento de significar e ressignificar a prática docente em contexto de pesquisa colaborativa. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação. Centro de Educação. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escolhidas**: problemas de psicologia general. Madrid, Espanha: Visor, 1995. v. 2.